

Madre Teresa



NÃO que tenhamos seja o que for a acrescentar ao tanto que é sabido desta Mulher que «passou fazendo o bem» como excepcional discípula do Mestre que amou com tudo o que era e tinha e tomou exclusivamente para sua Luz e sua Força. Ela é uma demonstração viva da actualidade, da universalidade e da viabilidade do Evangelho. Deus queira — Ele quer, com certeza! — que sobre todo o Bem que Madre Teresa fez e fez fazer, perdure a lição da sua Fé, fundamento de um Poder que não enraizou na carne nem no sangue, nem dependeu jamais da vontade condicional dos homens. «Deus quis; ela sonhou»... e a Obra aí está, evidente, irrecusável.

É claro que com o espírito que Pai Américo imprimiu na sua Obra, nos sintonizámos muito de perto, muito por dentro, mais do que no desenvolver de acções, na espécie de dinamismo que as lançava e as sustentava.

Tivemos a oportunidade feliz de conviver com as Filhas de Madre Teresa desde a primeira hora delas em Portugal. E até de um encontro muito íntimo com ela própria aquando da sua primeira (e creio que única) visita àquela pequenina comunidade recém-nascida. Celebrei com ela. E, ainda que àquela Eucaristia nada se pudesse juntar de substancial, a sensibilidade, essa sim, fez-nos experimentar uma alegria profunda que a rotina dos dias nem sempre nos concede. Depois, fomos sabendo dela pelos *media*, como toda a gente.

O triunfo que foi a sua morte, não nos surpreende mas conforta-nos, como acto de justiça e prova de que o sentido dela pode adormecer por vezes, mas permanece vivo no coração dos homens que não afogaram o seu conteúdo de bondade.

Que as suas Filhas a continuem na fidelidade à sua opção fundamental. E gozem para sempre da frescura e da fecundidade prometida a quem «põe toda, e só, a sua confiança no Senhor».

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

Mais um ano lectivo

AVIZINHA-SE o arranque de mais um ano lectivo. Não ficamos indiferentes. A obrigação primeira, a mais importante — costume recordar exaustivamente ao longo do ano aos Rapazes — é precisamente o dever escolar.

Temos deles, graças a Deus, razoavelmente bem dotados; que dão boa conta de si na Escola, em nada ficando atrás dos bem classificados. Como não recordar que, de entre um grupo deles, um foi o melhor aluno de certa turma. Teria ficado bem no «quadro de honra», até com mais mérito, por ter comido em tão pouco tempo de vida «pão que o diabo amassou...».

Mas a grande maioria tem enormes dificuldades. Não vale a pena esconder. Quantos, porém, aqui iniciaram as primeiras letras aos 12 anos ou aqui inicia-

ram uma escolaridade normal, sem absentismo nem sobressaltos afectivos, familiares e sociais. São a maior parte.

No dia em que o João José, que chegou aos treze anos, riscou no seu B.I. o «não sabe assinar», dei-lhe um prémio. Passados anos, andou certinho e terminou a escolaridade mínima para ele, o 6.º ano, no recorrente. Mas quantos deles conseguirão avançar até ao 9.º obrigatório...?! Não estão em causa os programas nem os 9 anos de escolaridade; hoje são coisa alguma que valha para ler o mundo que nos rodeia com olhos de ver — uma simples carta de condução deveria ainda supor mais... Falta o quê? A iniciação profissional reconhecida mais cedo como caminho para os menos dotados.

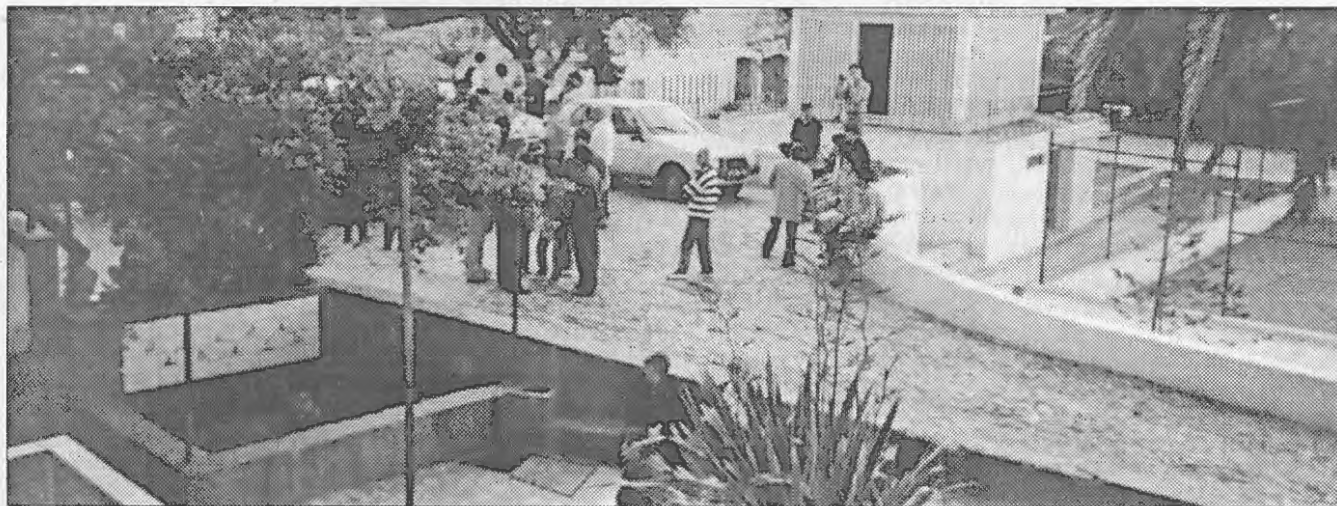
No que diz respeito ao Ensino Básico não podemos estar melhor. A

Escola — as instalações novas são invejáveis. Três turmas para cerca de 45 alunos, portanto três professores. Mais um de Ensino Especial. Mais duas destacadas à Casa do Gaiato, mas com funções exclusivamente na Escola para acompanhamento dos casos mais difíceis. Bem haja à CAE.

É certo que quanto mais aproximamos a realidade ao «microscópio», mais deficiências e lacunas encontramos. Quer dizer, descobrimos mais necessidades e exigência de apoios.

No Secundário, em Coimbra, continua um grande grupo do 5.º ao 9.º anos na Cooperativa de Ensino de Coimbra e na Martim de Freitas. Numa e noutra Escola tem havido um esforço por entender os Rapazes: as

Continua na página 3



Miranda do Corvo — Escola, espigueiro e o tanque de peixes.

BENGUELA

A educação está na base do desenvolvimento

HOJE, domingo, passei parte da manhã na Penitenciária de Benguela. Encontrei lá muitos jovens presos. No meio deles estavam dois que foram nossos. Custou-me muito vê-los ali.

Nascemos para cortar o caminho que leva à cadeia. Grande parte dos rapazes que vivem em nossa Casa poderiam estar nesse caminho, se não lhes fosse cortado, a tempo e horas. Apesar disso, um ou outro dá o salto e vai lá parar. O ambiente social é degradante e tem muita força. Só uma força maior pode estancar o mal. Onde está ela? Na dedicação sem reservas, perseverante e atenta. Educar é uma sementeira feita com muito

amor que dará o seu fruto em devido tempo. Acredito que o pai e a mãe, na missão de educadores, não semeiam em vão quando o fazem por amor, sacrificado e fiel. Preciso de me encontrar com esta verdade na hora de estar com os dois rapazes na cadeia. Foi a primeira vez, aqui, em Angola.

Houve, porém, uma nota muito alegre nesta passagem pela Penitenciária. Celebrei a Eucaristia para os presos, acompanhado por mais de cem mães que ali foram passar todo o dia, como parte do programa da Associação a que pertencem. É um movimento que visa a promoção da mulher angolana. Nasceu na Igreja e quer dar testemunho da

Igreja. A Fé que anima estas mulheres impele-as a ir aonde a dignidade da pessoa está em causa. Elas descobriram a sua dignidade de mulheres e querem anunciá-la, como mulheres que são. Estão conscientes da força que têm.

O contacto destas mães com o mundo dos presos é salutar para elas e para os presos. Muitos dos que ali estão não tiveram o amor da mãe que os formasse. Todas têm filhos. Pela formação que receberam podem mostrar àqueles homens e mulheres o verdadeiro rosto da rapariga, da esposa e da mãe. São alavancas que ajudam a levantar os que caíram nas garras da miséria. A propósito, lembro-me da

mensagem da Igreja, a respeito da mulher: «Mas vem a hora, chegou a hora em que a mulher adquire no mundo uma influência, um alcance, um poder jamais alcançados até agora. Por isso, no momento em que a Humanidade conhece uma mudança tão profunda, as mulheres iluminadas pelo espírito do Evangelho tanto podem ajudar para que a Humanidade não descaia». Assim é neste cantinho de Benguela.

Enquanto escrevo estas notas, uma rapariga bate à porta a pedir umas tábuas, que o seu filho acaba de morrer. Pergunto pelo pai da criança e diz-me *que se foi*. É o pão nosso de cada dia. Os filhos aparecem e os

homens *foram-se*. É uma forma subtil de exploração da mulher. Mas o lugar dela junto do filho é ser mãe juntamente com o pai.

A educação está na base do desenvolvimento. Estas situações são tanto mais chocantes quanto mais aparecem como normais. A ignorância é a mãe de muitas anomalias. Por isso, queremos investir prioritariamente em tudo o que diz respeito à dignificação humana. A começar pela Escola.

Temos algumas turmas de mulheres trabalhadoras na alfabetização. É uma actividade cheia de interesse. A inércia é um inimigo a ter em conta. O desânimo espreita. Há que inventar

formas de perseverança quer da parte das alunas, sobretudo, quer da parte dos professores. Só uma minoria das mulheres, do meio rural, sobretudo, tem algumas luzes no campo da Escola. O lugar da mulher, na sociedade em que estamos, é uma importância capital. Quando falo das mulheres estou a pensar nos filhos, também. É que, sem a mulher, a sociedade angolana não se desenvolve, pelo papel preponderante que ela tem na educação.

Pelo exemplo que dei, a mulher leva, em grande escala, a educação das crianças sozinha. Vamos continuar a trabalhar.

Padre Manuel António

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CALVÁRIOS — Ele era trabalhador qualificado, algures. E promoveu-se a pulso, na vida. Lembramos o tempo difícil da construção de sua casa, pelo que sofreu muito suor e lágrimas!

Nesse tempo, abordámo-lo, às vezes, junto à obra nascente. Para além da nossa ajuda, escutámos desabafos e/ou alegrias da caminhada. Em *calvários de Autoconstrução*, ou doutro género, quão bom ter quem ouça, escute, apoie, estimule — seja Amigo!

Passaram anos. O mundo evoluiu vertiginosamente. O nosso homem, também. Recentemente, não era já um proletáriozinho, tendo inclusive um carrinho para as suas voltas. Mas surge doença muito grave e, aos olhos da Ciência, incurável. Gasta o que tinha. Vive, agora, só do parco subsídio da Segurança Social.

Regularmente, a mulher dá-nos conta do receituário necessário, que a aflige. «*P'ra estas doenças, os remédios são tão caros!*» — desabafa. As suas mãos tremem quando entrega a factura de sete deles, no total de 25.664\$00. «*Ora vejam lá o que ele precisa para se tratar!*», para sobreviver.

Damos a mão.

PARTILHA — Portela da Ajuda (Carnaxide): A assinante 35019 salda contas n' O GAIATO e «*destino o que resta à compra de medicamentos para os Pobres*» — disse. Tão oportuna! Idem, para outro doente, pois «*que sentiria eu se um dia não pudesse comprar remédios para o meu filho?, que não está enfermo*» — acentua, cristãmente, a assinante 28632 de Lisboa. Também da Capital, «*a partilha habitual*» da assinante 31104 «*com mais cinco mil economizados numa despesa que deseje aplicados na compra de medicamentos*».

Setúbal: presença habitual da «*Avó dos cinco netinhos*». Senhora da Hora: cheque da assinante 57002, «*pequeno contributo do mês de Setembro que não é preciso agradecer*». Ovar: o costume do assinante

42971 — e o mesmo critério. Oliveira do Douro (V. N. Gaia): «*pequenina ajuda*» do assinante 9790 invocando o Senhor «*para que nos ajude a estar sempre preparados...*»

Valioso óbolo do assinante 57257, do Porto, anónimo com muita discreção.

Dez nül, do assinante 62942, também do Porto, com «*uma gota no mar das necessidades, mas de momento não posso mais...*» Coração cheio!

Assinante 60788, da Capital do Norte: «*Em período de férias aí vai esse pequenino contributo (oito mil escudos) que poderá ajudar a minorar as necessidades daqueles que nem férias podem gozar*» — e são a maior parte da população mundial!

Oferta da esposa de conceituado Mestre de Medicina, pois «*só agora, pelo livro de cheques, vejo que não vos escrevo há já um ano!*» Votos de boas melhoras.

Vale do correio de «*uma portuense qualquer*» — com a amizade de sempre.

«*Uma migalha*» (5.000\$00), da assinante 26418, de Lisboa, «*com pedido de oração por uma pessoa que partiu em Julho, depois duma vida de grande sofrimento*». À luz da Fé está no Céu, pela Misericórdia de Deus.

Assinante 4456, da Covilhã: «*Pequenina (diríamos grande) ajuda para a vossa Conferência. Peçam a alguns Pobres (se vêem que isso os não incomoda) que rezem por mim*». A Delicadeza e a Liberdade dos filhos de Deus!

Fecha a procissão «*uma Assinante de Paço de Arcos*» com «*a partilha de Junho/Julho, saudações fraternas e muita amizade*».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ÉPOCA BALNEAR — Acabaram as férias para nós todos. Uns duma maneira, outros de outra. Mas o que importa: todos gozaram bem o delicioso tempo.

RECOMEÇO DE AULAS — Para alguns já principiaram. E contentes por terem uma

nova professora. Desejo a todos os alunos bons estudos.

PADRE LUIZ — Gostamos da sua presença, aqui, em nossa Casa. Pedimos a Deus que lhe dê saúde, após uma vida dedicada aos Rapazes da Rua, em nossa Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal.

VISITANTES — Temos recebido muitos visitantes. Do que eles mais gostam é de apreciar a nossa quinta e ver-nos a tomar banho na piscina. Uma riqueza que não tínhamos quando andávamos por lá...!

M. Rodrigues («*Peixinho*»)

VINDIMA — Em nossa Aldeia começámos a colher uvas. Este ano, embora sejam poucas, vindimámo-las com alegria.

Depois de levarmos a maior parte das carradas para a adega da célebre Quinta da Aveleda, em Penafiel, a nossa, por fim, receberá as uvas para o nosso vinho.

Teremos que aproveitar o tempo e enquanto a maioria dos nossos rapazes não regressar à Escola. Prevemos que este mês seja um pouco quente, o que dificultará o trabalho... Mas, depois de um dia cheio, sabe bem um banho na piscina.

Rui Manuel Silva

FUTEBOL — Finalmente, começou a nossa época futebolística.

A 30 de Agosto recebemos a Associação Desportiva Café Cidade Nova e vencemos por 4-3.

No dia 13 de Setembro foi a vez dos mais jovens, que receberam a Associação Recreativa de Nublens. Como era o primeiro jogo, as coisas não correram bem. Perdemos por 4-6.

No dia seguinte as coisas mudaram, o «*Eusébio*» (treinador dos mais jovens) mudou de tática e, como era de esperar, os golos apareceram. Vencemos a Associação Desportiva e Recreativa de Lodaes por 5-1.

Nesse dia fomos ao campo de outro adversário, em Oliveira do Douro (V. N. Gaia). Não jogámos bem. A equipa estava desfalcada porque temos alguns atletas lesionados. Perdemos por 4-0.

Para quem esteja interessado a realizar um jogo connosco — séniores, júniores ou juvenis — contactem:

Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, «*Albufeira*» ou «*Cenoura*», 4560 Paço de Sousa; telefone 055-752285; Fax 055-753799.

«*Albufeira*»

TOJAL

FÉRIAS — Por este ano acabaram. O último grupo já regressou da praia e alguns dos mais velhos voltaram ao trabalho.

OBRAS — A Escola Primária também foi pintada. A antiga «*casa dos patos*» e o lago foram demolidos pelo seu mau estado. Quem sabe se não surgirá algo com mais utilidade?

GADO — Infelizmente, morreu uma vaca e ainda não apurámos a causa. Um prejuízo para a nossa vacaria!

CARAS NOVAS — Recebemos mais dois irmãos: o Rogério, de 14 anos, que veio do Alentejo; e o Valdemiro, de 17 anos, da nossa Casa do Gaiato de Moçambique em busca de tratamento hospitalar.

DOENTES — Temos tido alguns doentes, com gripe. Certamente prevendo já a próxima estação...

ELEIÇÃO — Na capela, reunimo-nos para eleger o novo chefe maior. Foi uma eleição um pouco difícil porque só à quarta vez chegámos a um consenso.

CONVÍVIO — Alguns rapazes foram convidados para cantar o «*hino aos carochas*», no encontro dos «*Volkswagens carochas*» realizado em Loures, no pavilhão Paz e Amizade, em 6 e 7 de Setembro.

RINQUE — Está pronto, há algum tempo. Agora fazemos marcações para as seguintes modalidades: voleibol, basquetebol e ténis.

AULAS — Como estão prestes a começar, o material escolar faz-nos alguma falta. Se alguém tiver algum disponível para nos oferecer, aqui vai o nosso muito obrigado.

Arnaldo Santos

RETALHOS DE VIDA

'Azeitona'



Sou o Carlos Miguel Henriques Tavares, por alcunha o «*Azeitona*»; nome que a malta deu pelos meus olhos verdes!

Nasci em Cardigos, concelho de Mação, a 25 de Novembro de 1985.

Tive uma vida muito triste...! Os meus pais separaram-se. Entretanto, a mãe faleceu. A minha irmã e a avó tomaram conta de mim. Andava por lá sujo, com má alimentação...

A casa onde a gente vivia, é dum senhor que sentiu pena de nós. Não era muito boa, mas não vivíamos ao luar.

Por causa da nossa vida miserável, alguém pediu para que eu viesse para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, que me acolheu em 3 de Março de 1994.

Gosto muito de estar cá. Entretemos o tempo a fazer as nossas obrigações e, nas horas de recreio, brincamos ao ar livre.

Também gosto muito de frequentar a Escola para aprender a ser um homem de vida. Por isso, quando for mais velho, quero ser padreiro.

Carlos Miguel («*Azeitona*»)

Artista-Estátua

O artista-estátua Encobre as suas mágoas Vestindo-se de palhaço, De anjo Ou de natureza-morta! Finge ser homem ou mulher Para encantar os outros!

Mas só deixa de ser estático Para ser uma dança Com graça e elegância Quando alguém deposita Uma moeda qualquer No seu chapéu Para ajudar à sua sobrevivência.

O artista-estátua É uma honesta criatura! Exibe o seu talento nas ruas E faz parar a vida Das pessoas apressadas E entretém as crianças Até lhes despertar o riso oculto Perante as suas belas fantasias

Mas só teatraliza Com graça e elegância Quando alguém deposita Uma moeda qualquer No seu chapéu Para ajudar à sua sobrevivência.

O artista-estátua É um comediante social E... não assalta residências Pois tem uma alma Boa e especial!... A sua particular vivência É materialmente pobrezinha Mas rica em liberdade [e harmonia!]

Mas só se movimenta Com graça e elegância Quando alguém deposita Uma moeda qualquer No seu chapéu Para ajudar à sua sobrevivência.

MIRANDA DO CORVO

MILHO — O grupo do Cláudio já despontou e tirou a espiga do milho da terra do lameiro, do poço novo, da terra dos grilos e da terra do senhor Fausto. O grupo do «*Zé Pequeno*» desfolhou o milho e agora anda a apanhar os grãos que caem no caminho para dar às galinhas.

GADO — No dia 29 de Agosto, quinta-feira, chegaram pintos. Os veterinários vacinaram o gado que continua sem dar leite.

Nasceram duas ninhadas de leitões!

PISCINA — Está quase a acabar o tempo da natação. Às 17,30 h. quando toca o sino vão ver o Dragon Ball. Depois, quando acaba, todos gritam para irem à piscina.

OBRAS — As da casa nova estão quase a acabar. Tem paredes pintadas, e janelas, portas e azulejos. Os rapazes querem que as obras acabem para a utilizar.

ESCOLA — Os que estudam, à noite, começaram as aulas na terça-feira, 16/9/97. Ainda não sabemos a data do recomeço dos trabalhos escolares para os que estudam em casa. Em Coimbra será a 18/9/97. Esperamos que aproveitem.

Um cronista

Manuel Amândio



«*Batalhinhas*» na praia de Azutara

Crianças «em risco»

ESTA nomenclatura, tão em voga desde há algum tempo, parece que deveria motivar os Pelouros Públicos que mais a usam à inventariação desses riscos e a uma estratégia de combate que tendesse a eliminá-los — e assim seriam as crianças defendidas deles.

Nada! Na linha da prevenção todos sacodem o capote da sua responsabilidade deixando campo livre às causas que se multiplicam e intensificam na produção das consequências más que, depois, os mesmos se afadigam em remediar, com fraco sucesso.

Vamos hoje a uma terceira história das que, há um mês, venho aqui desabafando (posto, entretanto, outras semelhantes tenham chegado).

É ainda a grande Lisboa o cenário deste drama que abre na actualidade: «uma casa com três assoalhadas, em que o menor dispõe de quarto próprio, arrendada por 20 contos» e onde moram, além do pequeno, o pai e a madrasta que «auferem os dois o rendimento de 170 contos mensais». Este é o primeiro quadro que o relatório expõe e do qual se infere que não é em carências económicas que se funda o problema.

Qual é, então?

«O N. foi fruto de uma relação ocasional entre o progenitor e a mãe que, segundo este, se dedica à prostituição. Aos dois meses a mãe abandonou o N. em casa do pai. Este entregou-o a uma

ama e, por divergência com ela, colocou-a numa outra com quem o menor permaneceu até aos dois anos de idade.»

«A progenitora manifestou então vontade de ter consigo o N. O progenitor acedeu e o N. permaneceu com ela até cerca dos cinco anos.»

Então, «a mãe voltou a deixar o N. à porta do progenitor, com quem ficou até aos 11 anos»; com ele e com a companhia dele, de quem «há cerca de dois anos se separou, tendo-lhe pedido que o N. permanecesse com ela até ele ter condições habitacionais que possibilitassem tê-lo consigo». «Entretanto, alertado para o facto de o N. começar a apresentar comportamentos desviantes e não estar a ser bem tratado, foi buscar o filho em Setembro de 1995. A integração no agregado familiar do progenitor revelou-se, contudo, difícil e está na base de duas fugas de casa (Set.196 e Fev.197) que culminaram na sua condução ao Colégio da Bela Vista».

(...) «O progenitor parece manter relativamente ao N. uma atitude ambígua de rejeição/aceitação.»

(...) «O menor, por seu lado, vivencia estas agressões como uma rejeição, dizendo que o pai não gosta dele e que o mesmo se referia à sua pessoa como sendo 'filho de uma brincadeira'».

Naturalmente o percurso escolar do N. reflecte toda esta instabilidade quer

na aprendizagem (para a qual tem dotes, conforme informação da Escola) quer, sobretudo, no comportamento, o que o levou «à suspensão das aulas já no início do 2.º período do presente ano lectivo».

E agora, aos 14 anos, com «o sentimento de abandono criado pelas ruturas afectivas precoces e mais recentemente pela rejeição paterna, que terá sido responsável por uma depressão que o levou, durante algum tempo, a verbalizar ameaças de suicídio» — que fazer ao N.? Em quem é que ele ainda acreditará? Com quem, nesta idade, será ele capaz de criar uma relação afectiva, estável, de que não tem qualquer experiência vivida?!

Quantos N.s como este, um dia, talvez, em risco de serem julgados como réus de crimes de que são menos autores do que vítimas — vítimas de uma sociedade mal-sã que deixa perderem-se valores fundamentais; que rasga horizontes sem limites de comportamentos ditados pela moral do prazer e vividos na irresponsabilidade; sociedade permissiva e imprevidente, onde a ganância impera e promove os riscos a que os mais frágeis (as crianças, justamente) são mais vulneráveis.

Crianças «em risco»?

Quem faz o risco?...

O mundo que temos — impune do que faz e de mãos livres para o fazer!

Padre Carlos

CASA DO GAIATO DE MAPUTO

— Voltar a África numa altura em que a natureza ajuda a encher os olhos, um verde que quer renascer do amarelo próprio da época, quando as sementeiras várias, como o milho, feijão, a horta e outras, saem da terra viçosas e lindas, é sinónimo de que a fome está vencida. A confirmação são os pequenos rebanhos de cabras e bovinos que a miúde se vão encontrando e muitas vezes atravessando as estradas deste sul de Moçambique.

São os transportes colectivos — vulgo «chapas» — melhorados, menos cheios e mais seguros. Mais polícia, melhor segurança, maior confiança, é o que encontramos ao longo das estradas melhoradas e muito confortáveis.

A habitação melhora-se, é reconstruída e muita nasce. Não é ainda bem um nascer na vertical, seria uma contradição onde os solos são infundáveis, mas vivendas para habitação própria ou para lazer de fim-de-semana ou de férias.

É uma cidade Capital mais lavada, mais cosmopolita, muito mais atenta às necessidades do habitante e visitante, quer no ramo hoteleiro ou em bens e serviços. Para o consumidor em geral, nada melhor que a leal concorrência; por isso a privatização dos seguros, bancos, transportes terrestres e marítimos, aduaneiros, saúde, enfim, tudo caminha para uma verdadeira democracia.

Mas voltar àquela pequena montanha que faz parte dos Pequenos Libombos, onde há três anos atrás deixámos duas casas, uma a levar a laje de tecto e outra a regularização de alicerces, que era o nascer da Aldeia dos Rapazes — Casa do Gaiato de Maputo, encontra-

Crónica de viagem

mos não dois, mas dez edifícios prontos com água, esgotos, electricidade, mobilados e habitados por cento e trinta e cinco meninos e jovens dos dois aos vinte e um anos; é de cair de joelhos levantar os olhos ao Céu e a mente à C.E.E., em particular Espanha e Portugal, isto no económico-financeiro porque os obreiros principais são os instrumentos que colocaram sem contratos nem contrapartidas ao dispor do Obreiro dos obreiros na condução das dezenas de homens e adolescentes nesta dura maratona. Aqui se fizeram: pedreiros, carpinteiros, marmoristas, pintores, bons serventes, bons seguidores, enfim, bons tra-

balhadores com hábitos de trabalho e disciplina. Quem ao longe vê esta Aldeia, pára, olha e pergunta se se trata de algum complexo turístico, tal a sua beleza instalada no não menos belo local. Este conjunto não nasceu ao acaso foi bem pensado melhor digerido para contrastar com a beleza atrás descrita por cidade Capital onde centenas de crianças, milhares?, encham aquela baixa praticando toda a espécie de desenasque para sobreviverem. Infelizmente não é para todos, mas os que tiverem a sorte de ao longo dos anos ali viverem têm todas as condições para no amanhã serem Homens e verdadeiros cidadãos do País novo.

Aquelas instalações agrícolas ocupadas com muitos porcos, coelhos, galinhas, patos, cabritos, bom rebanho de bovinos para carne e para leite com cerca de 150 litros diários — grande parte de vida para estas crianças e adolescentes. Que boa dieta vegetariana fizeramos pela fartura de alface, tomate, cenoura, cebola, repolho e mais hortaliças!

Viver em família durante 45 dias sem tempos mortos, uma aplicação colectiva ao trabalho e estudo, ver nas oficinas de carpintaria e serralharia obras e na agro-pecuária uma aplicação em franca produção é reconfortante.

Um senão que muito nos entristeceu. Há um sentir de inveja e ciúme no negativo de quem não entende que servir-se é contraditório do dar-se, servindo — daí os bons frutos.

Joaquim Gomes

TRIBUNA DE COIMBRA

Continuação da página 1

suas origens e dificuldades de superação. Eles são filhos de males sociais do nosso tempo. Requerem um ambiente de exigência e compreensão, atitudes integradoras indispensáveis.

O nosso Lar de Coimbra lá continua para os acolher ao fim de cada dia de aulas. É uma presença e uma referência para eles e para os nossos Amigos da Cidade. Ali permanecem de domingo à noite até sexta-feira à tarde. O fim-de-semana é em Miranda do Corvo. Esperamos, ali continuam a ter a sua Catequese semanal orientada pela Irmã

Marieta. Faz-nos tanta falta alguém que vá pensando oferecer a sua vida livremente, ali, no Lar. Uma senhora com sentido de doação a Cristo e aos irmãos. D. Maria da Luz ali permanece há mais de 40 anos. E, como ela, em Miranda do Corvo, D. Maria do Rosário. Sem qualquer salário, vestindo, calçando e comendo o que conosco é amorosamente repartido. E dizer que não são felizes ou que é uma loucura!? Não! É uma outra sabedoria infelizmente tão esquecida. Tem-se apregoados demais a auto-estima e a realização pessoal... «lentes» que podem

desfocar a beleza da doação e a fecundidade da vida. Nem de propósito recordar Madre Teresa de Calcutá e, até, com distâncias apreciáveis, a Princesa Diana. Aquela com uma vida que há muito se mostra por inteiro e esta, num esforço começado, que a morte prematura não deixou adivinhar mais. Ambas, quase de forma iconoclasta e em proporções diferentes, mostraram a vanglória do mundo e o verdadeiro caminho da realização humana.

Talvez seja o esquecimento desta verdadeira sabedoria que nos dificulta, em projectos e na prática, o que devemos considerar como essencial e ensiná-lo às gerações novas do nosso tempo.

Padre João

Frederico Ozanam



EM 25 de Junho de 1996 o Santo Padre assina o Decreto de beatificação de Frederico Ozanam, que veio a ser celebrada em Paris na manhã de 22 de Agosto, pelas nove horas, na catedral de Notre Dame — presidida por João Paulo II

— Quem é Ozanam...? Dá-nos a resposta Raoul Follereau:

— Um homem de Deus ao serviço dos seus irmãos. A ilustração humilde e perturbadora do Evangelho. Um jovem de vinte anos que tem o rosto da Eternidade.

Traços lapidares de quem conhece e serve o Pobre.

Ele foi o Fundador da Sociedade de S. Vicente de Paulo que, hoje, tem mais de novecentos mil vicentinos(as) — seus companheiros de acção — em 132 países do Mundo, entre os quais, Portugal.

Notre Dame acolheu milhares de vicentinos(as) do Mundo inteiro, «convitados especiais» — na linguagem dos jornalistas — e 300 Bispos. O nosso País marcou presença condigna no acto de glorificação canónica daquele que fez nascer, por graça de Deus, o primeiro Movimento de Leigos da História da Igreja Católica. Criou a primeira Conferência com 20 anos, juntamente com mais cinco universitários, de Paris, no ano da graça de 1833.

Naquele tempo de lutas políticas e filosóficas tão duras... conseguiu ele que a sociedade parisiense prestasse mais atenção à Boa Nova do Senhor Jesus nas «Conferências de História» — raiz das Vicentinas.

— Como?

— Vamos aos Pobres...!

E foram. Agindo no concreto. Em actos de amor cristão, simples, fraternos. Procurando assim demonstrar que o Pobre é a figura de Jesus do Calvário, de Jesus de Nazaré.

Júlio Mendes

MOÇAMBIQUE

UMA das nossas preocupações relaciona-se com a malária ou paludismo. O relatório do nosso Posto de Saúde até ao fim de Agosto, enquanto na Massaca regista três mil e trezentos casos de malária positiva em cerca de cinco mil análises de laboratório e apenas cento e vinte casos de resistente, na nossa Casa, com cento e trinta rapazes e cerca de quinhentas análises, trezentos e oitenta e quatro casos positivos e oitenta e duas resistências. Se na aldeia há descuido em acudir ao Posto e tem havido algumas mortes, três delas logo nos primeiros dias do ano, sendo duas crianças e um adulto e pelo ano fora esse descuido ocasionou a morte de mais algumas dezenas, em nossa Casa tem havido um exame cuidadoso e os casos de resistência são muito frequentes. O Nandinho, por exemplo, demorou um mês a fazer o controle e foram usados todos os recursos disponíveis. A nossa Casa do Gaiato do Tojal não se tem poupado a mandar-nos o Halfan que é muito caro e resolve em casos de resistência. Por vezes há recurso em extremo, ao Quinino, que exige dosagem com vigilância médica porque efeitos colaterais que acarreta.

As Jornadas Médicas havidas nestes dias em Moçambique, dizem que a malária mata no mundo mais que qualquer outra doença. Anunciam-se vacinas, mas nada se confirma. É a doença dos países pobres do Terceiro Mundo, onde tradicionalmente o coeficiente demográfico é alto e, daí, que não preocupe aos países ricos os treze milhões que morrem.

Podemos fazer uma ideia do montante de comprimidos em nossa Casa. Neste ano, até Agosto, gastámos 37000 Resoquinas e quatro mil de Paracetamol. Se a população de Moçambique, 1500 vezes a da Massaca, fosse assistida como aqui, seriam precisos quase cinquenta milhões — algumas toneladas — o que não creio ser alguma vez possível à débil economia de Moçambique. É melhor remediar... sem remédios. Os mortos não falam. Contribuem até para ganhos nos índices de crescimento económico e per capita. É paradoxal que o controle que durante muito tempo existiu aqui, se faça hoje com o apoio da OMS apenas, num quarteirão da cintura pobre de Maputo. É uma tragédia, em números, que cindira mais vidas em África que as guerras fratricidas, bem apoiadas pelos países ricos e ao longo dos anos tem mantido África com um potencial humano e material rico, em economias caóticas.

Contraopondo ao grande patrão da economia global, chamada democrática, do mundo, soa serenamente aos meus ouvidos o Sermão da Montanha: «Bem-aventurados os pobres, porque é deles o Reino dos Céus. Ai de vós os ricos porque já tendes a vossa recompensa» (Lc. 6, 20-24).

Padre José Maria

Património dos Pobres

Voz dos sem voz

CHEGOU a mensagem duma voz que pretende ser ouvida por aqueles que o não são. Eis:

«Sou viúva. Tenho 84 anos. Mãe de sete filhos que todos os fins-de-semana me enchem a casa de alegria. Venho até vós para falar de uma família despejada de uma pobre casa. Foi depois autorizada a habitar provisoriamente uma barraca até que se arranjasse uma solução mais justa e digna. Passados cinco anos a habitação continua a ser a mesma!

Pretendo apenas ser voz para quem a não tem. Existe um projecto na Câmara desta terra para a construção de uma casinha. Mas, para quando? A construção é urgente. Bem hajam.»

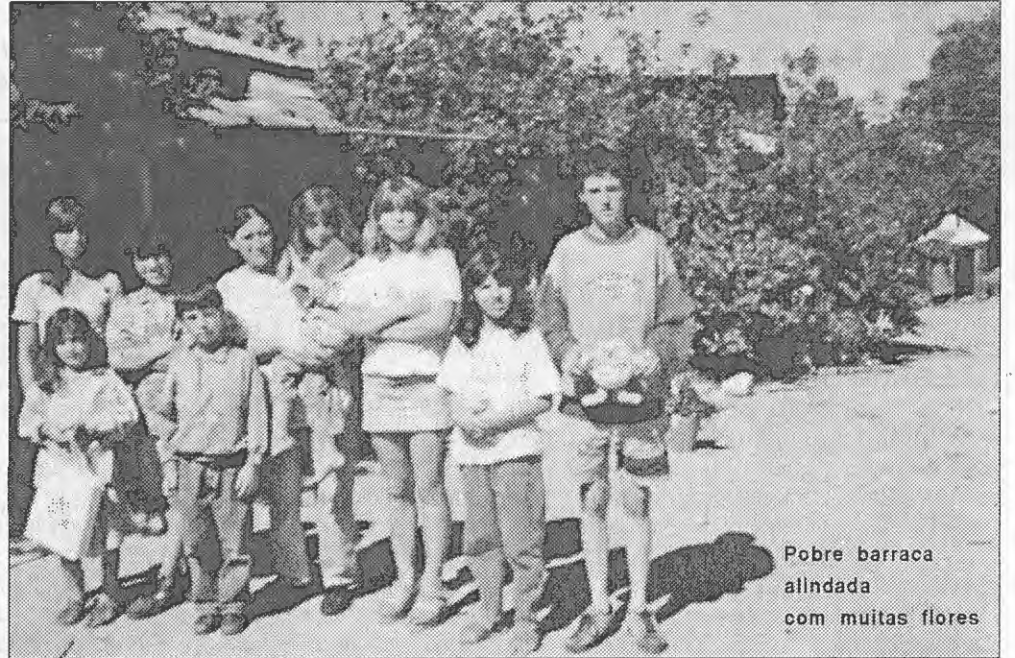
Logo que possível, pusemo-nos a caminho. Não foi fácil encontrar a barraca. Custou horas de viagem. Num sítio um pouco isolado, junto da estrada, topámos vários moços a brincar num terreiro muito

limpinho e rodeado de plantas e flores. — *É aqui!*, disse o nosso guia. Num instante ficámos cercados de juventude. O pai que acabava de lavar um cobertor, apareceu também. A mãe, dentro da barraca, veio depois.

Ficámos maravilhados com uma barraca assim limpa, por dentro e por fora, tão ornada de flores naturais e flores humanas que são aqueles oito filhos.

Entrámos. Logo a cozinha que serve para todo o dia. Dali passámos a outro compartimento, que tem ao lado o quarto de banho onde dormem os oito filhos e é passagem para o único quarto que é dos pais. O filho mais velho tem catorze anos, outro treze, outro onze, outro dez, outro oito, outro sete, outro seis e o último quatro. Alguns, já adolescentes; mas têm que ali caber todos.

Viveram os primeiros anos numa casa. O ordenado do pai começou a não chegar para a renda. Um dia, o proprietário mandou tirar todas as telhas e passados dois



Pobre barraca alindada com muitas flores

dias a chuva deixou tudo encharcado. Tiveram de abandonar a casa.

Gerou-se um movimento de apoio. O presidente da Câmara procurou terreno. Um grupo deu volta pela povoação e acabou por depositar o dinheiro. Outros, ficaram inquietos. Passado todo este tempo está tudo parado, à espera.

Demos mais uma visita à barraca. Há

lugar para mais um quarto. O pai é habilidoso. Fez aquela habitação com placas e tábuas usadas que lhe ofereceram. Tem muita confiança no compadre que é carpinteiro. Prontificou-se a fazer o trabalho, se tivesse materiais. No mesmo dia, pelo telefone, dissemos que sim. Desempatámos!

Padre Horácio

CALVÁRIO

Não temos quem deite a mão!

UNS senhores, um tanto em ar de censura, vêm ter comigo, admirados por não termos flores no altar da nossa Capela.

Eu respondi muito simplesmente que Cristo aqui não nos pede flores. Essas delicias o olfacto. Agradam à vista. Aqui, Cristo pede fraldas; pede pensos; quer que lhe depunhamos o comer nos lábios, que as mãos d'Ele não o levam à boca, de paralisadas que estão. Ora, nem para isso nos chegam as horas do dia, quanto mais para as flores.

Chegou-nos o eco de sessenta doentes a suplicar leito no Calvário. E algumas dezenas deles quiseram ser acolhidos também. Recebi uma cancerosa e uma parálitica. Mais nada.

E porquê a nossa recusa? É que não temos quem deite a mão! Os doentes desdobram-se em atenções uns para os outros; mas só têm dois braços e bem fracos alguns!

E pessoas sãs, para trabalhar na rectaguarda deles, não surgem. Todos gostam de trabalhar na primeira linha, onde sejam vistos.

Não é que duvide da capacidade potencial da Igreja para amar e doar-se pelos Outros. Mas não vejo concretamente onde estão hoje os que se dedicam aos ministérios mais humildes — como seja o de limpar o rabo a Cristo parálitico; o de cuidar de Cristo chagado e parálitico. Fazem-se festas ao Senhor de todas as romarias. E todos vão. Ora-se com gosto ao Senhor de todos os altares. E há sempre gente de joelhos. Mas se Ele cheira mal, se Ele causa repugnância, ninguém comparece.

E Cristo cheira mal e é antipático e, às vezes, mora no Aljube à espera de que O vão buscar, pois está canceroso. Mas era preciso que alguém deitasse a mão.

Se não nos seduzíssemos pelo ornamento — as flores, sobretudo — nas nossas capelinhas, quanto tempo não ficava disponível para cuidar dos Outros!

Andamos todos à cata do que nos ajuda mais, do que nos parece melhor e esquecemo-nos de que Cristo está à nossa espera na pessoa dos Pobres, dos abandonados, dos doentes.

Cristo, aqui, não nos pede flores. Ele vem sujo e doente: é preciso limpá-lo; é urgente tratá-lo.

Padre Baptista



DOCTRINA

Não temos no mundo morada permanente
Das Epístolas de S. Paulo



O mês de Setembro não ficou a dever nada, sob nenhum respeito, aos melhores do ano. Senão, escuta: (...) No primeiro domingo do mês, que este ano calhou a seis, disse Missa na igreja do antigo convento do Buçaco, a um número de fiéis muito limitado e muitíssimo generoso. Fizemos todos um acto de fé na perpetuidade da Igreja, que as rajadas sociais, como a de 34 e outras semelhantes, nada destroem, embora arruinem. Assim o confessámos nós todos no acto público daquela Missa, onde saíram os mesmos paramentos dos frades carmelitas e se rezou pelo mesmo missal e se consagrou o vinho pelo mesmíssimo cálice onde eles o faziam. Narrei aos presentes a última Ceia do Senhor e anunciei a Sua Morte como no tempo dos frades: consistência, coesão, vigor, vida. A mesma doutrina, o mesmo Altar; a mesma disposição e participação dos fiéis. Uma só Fé, um só Baptismo, uma só Redenção e um único Redentor. Acredita, ó tu que vacilas!

UM senhor quer saber se eu estou comprometido para almoçar com alguém. Não estava e aceitei. Um sexteto acompanha os melhores vinhos mai-las melhores viandas. Fora, no vestíbulo, passam café, licores e tabaco. — *Que toma V. Ex.ª?* Não tomei nada naquela maré. E feitas as despedidas do estilo, sentei-me em baixo, no musgo de troncos caídos, à sombra dos cedros da mata. Dei fé de todos os segundos, das horas que ali passei, contente e feliz. Ao pé, o cíciar das águas; por cima, o cantar dos passarinhos; dentro, eu. Quão delicioso não é este eu quando a gente o dá aos mais! Vida do mundo que tem

por alimento Jesus. A tua, mundana, tem outro!

DESCI ao Luso, à tardinha, e virei o disco no Hotel Lusitano: a mesma revolução das almas, que são as verdadeiras porque inofensivas. Sim; acredita, ó homem. Tu caíste do Céu; tens a nostalgia do Divino e sentes a paixão do regresso quando ouves falar da Pátria! Senhor, que eu seja sempre um padre pobre, para cantar aos Ricos a Pátria Celeste, a pedir esmola para os Pobres.

MAIS um: — *V. é que é o Padre Américo? Tome. Este tome era precisamente igual a um outro que eu acabava de entregar, à beira do leito, a um doente! Quantas vezes me não acontece assim! E agora, por doentes, peço roupas de agasalho para um tuberculoso profissional que habita numa cocheira da Baixa sempre que sai dos Covões e enquanto faz tempo para regressar ao mesmo lugar; o tempo não é dinheiro! Já o quis mandar para a família e fugir assim ao desconforto que eu sinto quando vou àquele lugar, mas ouço um resignado «eu não tenho ninguém na terra, meu senhor»; e volto ao meu giro quotidiano, triste e diminuído, por ter vindo ao mundo num tempo e viver numa sociedade em que os homens, porque pobres e doentes, são obrigados a dormir e a esperar que os chamem, em lugares imundos, ao pé dos animais.*

TENHO tido tantas vezes a tentação de alugar casa e receber nela este e outros tuberculosos saídos dos sanatórios, sem família, sem amparo, sem amigos, arrumados às paredes das casas, enfiados, errantes, dolorosos, à espera do vintém para a sopa mal adubada! Eles que, justamente porque pobres, doentes e sem ninguém, deviam ser chamados em primeiro lugar!

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)